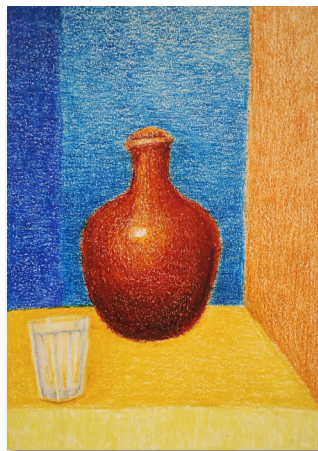


Turismo, Marxismo e Relações Internacionais

GABRIEL DE SIQUEIRA GIL

RESUMO: O artigo analisa o desenvolvimento do turismo internacional e a trajetória do subcampo da Economia Política do Turismo (EPT), desde a intersecção entre a crítica da economia política e as Relações Internacionais (RI). Para tanto, o artigo promove uma interpretação materialista do desenvolvimento do turismo no modo de produção capitalista e discorre sobre os desafios para a crítica da economia política do turismo na atual etapa da acumulação no capitalismo mundial.

PALAVRAS-CHAVE: Turismo Internacional. Dependência. Materialismo Histórico. Economia Política Mundial.



Tourism, Marxism and International Relations (IR)

ABSTRACT: The article analyzes the development of international tourism and the trajectory of the subfield of the Political Economy of Tourism (EPT), from the intersection between the critique of political economy and International Relations (IR). To this end, the article promotes a materialist interpretation of the development of tourism in the capitalist mode of production and discusses the challenges for the critique of the political economy of tourism in the current stage of accumulation in world capitalism.

KEYWORDS: International tourism. Dependency. Historical materialism. World Political Economy.

GABRIEL DE SIQUEIRA GIL

DDoutorando no Programa de Pós-graduação em Economia Política Mundial pela UFABC. Mestre em Estudos Latino-americanos pelo Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos Latino-americanos (PPGIELA) pela UNILA. Bacharel em Ciência Política e Sociologia: Estado, Sociedade e Política na América Latina pela mesma instituição. Licenciado em Sociologia pela PUC do Paraná.
E-mail: gabriel.sgil@hotmail.com

DATA DE ENVIO: 20/03/2025

DATA DE APROVAÇÃO: 13/04/2025

1 Introdução

A Economia Política do Turismo (EPT) é o ramo de estudo da Economia Política especializado na crítica do desenvolvimento do turismo internacional. As suas origens remontam às teorias dependência e subdesenvolvimento que emerge como paradigma acadêmico na segunda metade do século XX. Este subcampo ocupa uma posição marginal e permanece um “ilustre desconhecido” nas Ciências Sociais (CS). Assim, a crítica da economia política do turismo foi desenvolvida em contraposição à ideologia turística de órgãos como a Organização Mundial do Turismo (OMT) e o Banco Mundial ao se apresentar como ramo comprometido com a crítica aos efeitos indesejados do desenvolvimento do turismo nos países do Sul Global.

De inspiração estruturalista, o conceito de economia política do turismo rapidamente passou a estar articulado com a crítica da economia política e materialismo histórico de Marx e Engels. Motivo pelo qual no artigo presente será analisado a trajetória de desenvolvimento do turismo internacional e a trajetória específica do subcampo da Economia Política do Turismo (EPT) orientada a estabelecer intersecções entre a crítica da economia política do turismo (marxista) e o campo de estudo das Relações Internacionais (RI).

O objetivo do trabalho é analisar o desenvolvimento do turismo internacional concomitantemente a trajetória do subcampo da EPT, para compreender como a crítica da economia política do turismo se alinha com as premissas do materialismo histórico e apresentar como esse objeto de estudo se integra às novas temáticas de estudo das RI contemporânea. Proposta que se justifica pelo significado que o turismo adquiriu no capitalismo mundial, mas principalmente, pelo modo como as transformações recentes nas relações turísticas se vinculam a processos estruturais do capitalismo e as crises sistêmicas na economia mundial.

A análise remonta às poucas – porém decisivas – contribuições de Marx e Engels para crítica da economia política do turismo e o processo de consolidação do subcampo da EPT conforme a produção acadêmica internacional. Pelas intersecções entre marxismo e RI são deduzidos elementos para constituição de uma proposta

inovadora de análise do funcionamento do turismo internacional junto de processos geopolíticos ligados ao imperialismo e neocolonialismo no século XXI.

2 Crítica da economia política do turismo

2.1 Do método

O presente trabalho parte da intersecção entre o método da dialética serial proudhoniana e o materialismo histórico. Apropriadamente, o primeiro se refere ao método de análise da produção do conhecimento. Já o segundo, ao método de análise da produção econômica identificada pelo modo de produção e luta de classes. Juntos permitem definir que o objeto de estudo da Economia Política Turismo (EPT) se define conforme o mundo social do turismo está constituído por um universo complexo e ilimitado de mercadorias materiais e simbólicas que circulam na economia mundial. O que significa que a produção científica e portanto à crítica da economia política do turismo internacional está fortemente influenciada pelas condições sociais, econômica, política e tecnológica do desenvolvimento e funcionamento da indústria do turismo no mundo.

Como premissa, o fenômeno do turismo moderno se define com base na relação “dialética entre o lazer (ócio) e o trabalho”. E a sua expansão econômica enquanto indústria para as periferias do capitalismo mundial parte da “dialética da dependência” identificada com a globalização neoliberal, o capitalismo financeiro e a economia política internacional digital. Propriamente, uma análise materialista e dialética do turismo internacional que ajuda avaliar como o objeto de estudo do turismo é apropriado pelo campo acadêmico sofrendo alterações quando se converte num “novo eixo da acumulação capitalista”.

Portanto é a soma entre fatores econômicos, políticos e tecnológicos que permite analisar como ocorre a variação na construção do objeto de estudo do turismo pelas ciências sociais (CS) e ciências sociais aplicadas (CSA). Pelo qual a análise parte da noção que o desenvolvimento/evolução do capitalismo está marcada

pela existência de “três grande séries históricas” identificadas conforme a evolução nas técnicas de produção, nos transportes e mídias. Objetivamente, três séries históricas identificadas pela matriz produtiva e tecnológica “mecânica”, “elétrica” e “digital” que definem o princípio geral de abstração conforme a seriação histórica na perspectiva de longa duração.

Assim a dialética do turismo internacional se define conforme a trajetória evolucionária do sistema de contradições que está identificado pelo subsistema mundial do turismo. Elemento que permite deduzir os fatores sociais que estão por trás da emergência da crítica da economia política do turismo no século XXI. O que significa constituir um modelo próprio de análise da produção do conhecimento crítico sobre o turismo, conforme um “*meta-método*” capaz de estabelecer intersecções entre à produção material do turismo internacional e a mediação do conhecimento através da produção científica/acadêmica associada ao desenvolvimento e transformação do turismo no mundo.

Aqui a análise desenhada assume critérios específicos e objetivos de construção do objeto de estudo do turismo internacional. Para sinalizar os desafios atuais no campo de estudo nas Relações Internacionais (RI) orientada pelo marxismo, e identificar às determinantes sociológicas e econômicas que tornam o turismo um elemento da produção acadêmica. Para isso, a pesquisa bibliográfica priorizou artigos do repositório “*Web of Science*” que aplicam o termo “*economia política do turismo*” em suas análises como forma de identificar de maneira parcial aquela que é a produção do conhecimento científico como resultado e produto das contradições econômicas e da luta de classes contemporânea.

Neste marco se evita confundir a ciência dedicada à crítica do turismo internacional, com a ideologia turística propagada por órgãos internacionais. Já que permite revisitar um conjunto finito de trabalhos e autores(as) ligados ao pensamento clássico e contemporâneo da CS, para lançar mão de uma crítica interdisciplinar e sistêmica, sobre a relevância e desafios frente a emergência da crítica da economia política do turismo no campo de estudo das RI no século XXI.

2.2 O turismo no pensamento clássico

O legado da Economia Política para os estudos do turismo remetem aos clássicos do pensamento Liberal e escola utilitarista, que se defrontaram com as implicações da incipiente indústria turística do “*Grand Tour*” Britânico. Poucos sabem que Adam Smith foi tutor de viagem no “*Grand Tour*” de Henry Scott em 1765. Atividade profissional com a qual pôde se reunir com os principais economistas da Europa, cujo resultado da viagem foi a publicação do livro “*A origem da riqueza das nações*” e para posicioná-lo como um dos primeiros detratores da atividade turística no campo acadêmico (D’Eramo, 2020, p. 21).

A crítica de Smith estava alinhada às ideias econômicas Liberal e ideologia puritana que concebia o trabalho como um sacramento racionalizado e sistematizado para disciplina num fim em si mesmo (Tragtenberg, 2009). Assim a ideologia puritana e o pensamento utilitarista foi o diapasão na ideologia do *Grand Tour*, que buscava prevenir o crente dos perigos do luxo, aconselhando a moderação, prudência e a orientação da vida por cálculos racionais (Tragtenberg, 2009), mas encobriu a base material do turismo elitista do século XIX.

As transformações no significado das viagens se refletem quando a palavra “*tourism*” foi incorporada ao dicionário de Oxford em 1800, palavra de origem francesa que designava práticas ligadas à riqueza e classes ociosas. Em contraposição, na França a palavra “*tour*” – de origem judaico/latina – remetia à palavra “*torno*”, ao ato/ação de “*tornear*”, “*moldar*” ou “*forjar*” uma peça material como engenho mecânico ou manufatura. Portanto, associada ao ofício do trabalho e classe operária representada pelo “*Tour de France du compagnonnage*” (trad. “o turismo dos companheiros da França”).

Isso indica que a dialética do saber e ideologia turística se refletiu no tensionamento entre liberais e socialistas na França pós-revolucionária. Um marco é o livro de Flora Tristán: “*El Tour de France: Estado actual da clase obrera en los aspectos moral, intelectual y material*” (1844), cujo relato da viagem e diário pessoal produzido no “*tour du compagnonnage*” entre os anos de 1843 e 1844. No qual a autora se apropria do termo “*Tour de France*” para

defender o socialismo e o feminismo ligado ao fascínio pela literatura de viagem (Tristán, 2018).

Esta obra e a autora não passaram despercebidas por Marx e Engels (ver Engels, 1980), e antecipava o celebrado texto do jovem Engels: *“A situação da classe trabalhadora na Inglaterra”* (1845[2008]). Curiosamente, nele, Engels trata das atitudes burguesas frente ao proletariado enfatizando que:

quando às empresas ferroviárias foram obrigadas a oferecer passagens à preços acessíveis para os operários, foi sugerido no parlamento britânico, que não tivesse vigência aos domingos, único dia em que os operários ocupados podem viajar. Significava sugerir que as viagens eram permitidas apenas para os ricos (Engels, 2008).

Este trecho revela que o turismo praticado pelas elites britânicas e classe trabalhadora não foi ignorado por Engels e Marx, que existem contribuições que ajudam a compreender a base material de funcionamento do turismo capitalista. Por exemplo, quando Marx reconhece que:

no seu desenvolvimento posterior, o capital indica que se forma, ao lado da fração industrial, um ramo puramente consumidor. Ociosos cujo negócio consiste em consumir produtos alheios e que, como o consumo ordinário tem seus limites, têm de receber os produtos em parte sob forma refinada, fornecidos como produtos de luxo (Marx, 2015, p. 813).

A dialética das viagens de ócio e lazer tem como contraposição o trabalho social aplicado no setor de transporte e hospedagem. Se relaciona ao consumo prodigioso tal como é o “objeto da arte”, dada sua disposição ética e estética como fenômeno capitalista. Por determinação é um resultado da fruição estética e simbólica que acompanha a evolução do Capital. E a sua condição de atividade econômica, responde à lógica da propriedade privada e o consumo orientado pelo valor de uso, conforme Marx:

uma casa pode servir tanto à produção quanto ao consumo, da mesma forma, que todos os veículos, um navio e um carro, podem

servir tanto a uma viagem de lazer quanto de meios de transporte, assim como uma estrada pode servir tanto de meio de comunicação para a produção propriamente dita, quanto para passear e etc. (Marx, 2015, p. 921).

O turismo como prática do lazer capitalista, entra na lógica da propriedade privada e capital fixo orientado pelo valor de uso. Porém, pouco à pouco conduz os meios de comunicação e transporte à adquirir uma nova função identificada com o turismo. Isso revela a interdependência do setor com às inovações tecnológicas e mudanças na matriz produtiva/tecnológica conforme o processo de mecanização, eletrificação e digitalização (De Siqueira Gil, 2024).

Entretanto, economia política não é tecnologia e aquilo que interessa é a análise do modo de produção em geral ou de um ramo da produção econômica em específico (Marx, 1986). Neste marco está claro que para classe trabalhadora as viagens de ócio/lazer foram combatidas, tal qual observa Marx no “Livro 1 de O Capital”:

após a aprovação da Lei das 10 Horas pelo Parlamento britânico em 1848, os donos de fiações de linho imputaram aos seus trabalhadores uma petição contrária que dizia: 1 hora adicional de lazer não terá outro efeito senão a desmoralização (...), pois o ócio é a porta de entrada de todo vício, num palavrório cruel que deveria ser condenado (...) a mais pura falsidade e a mais desbriada hipocrisia. (Marx, 2015, p. 1209).

As contribuições de Marx são fundamentais para apresentar a denúncia que a classe trabalhadora é vista como impedida de desenvolver as potencialidades humana (Peixoto, 2013) e quando o turismo se proletariza, passa a ter conotação de estigma ao ser redefinido como: “veraneio” e “férias” (D’Eramo, 2020).

2.3 O Legado da Sociologia do Turismo

Inicialmente a Economia Política (EP) esteve afastada das importantes implicações do desenvolvimento do turismo na sociedade capitalista. Semelhante ocorreu com as RI que até poucas

décadas nutriu um desinteresse pelo marxismo e turismo internacional. Do mesmo modo que o turismo foi tratado pelos marxistas apenas como uma distração e fetiche (ideologia), e coube a pesquisadores da Sociologia e Geografia desenvolver às primeiras críticas científicas ao turismo moderno. Enquanto disciplinas como a Antropologia e Economia Política se abstiveram de participar do processo inicial de construção do objeto de estudo do turismo.

Isso se deve ao fato do turismo haver sido encarado como um elemento de terceira ordem na investigação do materialismo histórico (Bianchi, 2018). Enquanto que na sociologia existiu a preocupação de ser desenvolvido um modelo geral de análise do turismo, cujo marco está no sociólogo marxista Franz J. Knebel, que definiu a abordagem sociológica por meio do enfoque materialista, projetando o interesse particular da sociologia nas contradições produzidas pelo desenvolvimento do turismo na sociedade capitalista (Knebel, 1960 apud Dan; Cohen, 1991).

Ao enfatizar a crítica da ideologia turística Knebel garantiu o *status* distintivo do objeto de estudo do turismo no campo acadêmico e colocou em foco às “motivações turísticas”, os “papéis sociais” e os “processos sociais” produzidos pelo impacto de turistas nas sociedades receptoras (Dias, 2002). Ao colocar o turismo em evidência descortinou uma disputa para serem definidos os parâmetros de análise do turismo nas CS e CSA. Defendeu a perspectiva marxista na especialidade emergente e por razões óbvias, foi combatido e confrontado dando início ao movimento que contribuiu para formação de outros ramos especializados na investigação turística.

Isso levará os sociólogos Jeremy Boissevain (1979) e Emanuel De Kadt (1979), a darem um passo decisivo para consolidar o enfoque específico do subcampo da EPT ao colocarem ênfase nos impactos negativos e contradições do turismo, para refletir sobre a ideologia do planejamento turístico e a dependência econômica nos destinos do turismo internacional (Dias, 2002).

2.4 Da Economia Política do Turismo (EPT)

A origem da crítica da economia política do turismo está identificada com a crítica do desenvolvimento dependente e em

contraposição à ideologia responsável por expandir o turismo internacional nas periferias do capitalismo mundial. Foi através do texto “[*Introducción*] *El turismo en el proceso de internacionalización*” (1980) (in. Unesco, v. xxxi n. 1, 1980) que a socióloga Marie Lanfant Lanfant criticou às dificuldades de avaliar a indústria do turismo em seus efeitos no interior das sociedades e sua influência periférica nas relações internacionais (Lanfant, 1980).

Algumas vozes dissonantes criticaram os mitos propagados pelo Banco Mundial e OCDE, e terminaram comprovando que o turismo seria incapaz de “encurtar” as distâncias econômicas e sociais. Assim o turismo internacional representava muito mais um “caminho sem volta” para dependência e subalternização, que um passaporte para o desenvolvimento como era propagado por órgãos como OMT, Banco Mundial e Comissão Econômica Para América Latina e Craibe (CEPAL). Assim, a crítica da economia política do turismo se constitui como produto da “vocação terceiro-mundista” e/ou “tricontinental” do marxismo (Amin, 1983; 2011). Mas, entretanto, foi o sociólogo marxista Stephen G. Britton (1982) quem defendeu a necessidade de criar um núcleo teórico rigoroso capaz de redefinir a crítica da economia política do turismo e consagrou o subcampo da EPT.

O paradigma da crítica da economia política do turismo se desenvolveu por meio de trabalhos que eram “críticos” ou “céticos” quanto   contribuição do turismo para o desenvolvimento de países dependentes (Bianchi, 2018). Estabeleceu que a crítica do turismo internacional estava atrelada ao caráter neocolonial, imperialista e extrativista do turismo internacional dada a forma de inserção subordinada dos países do dito terceiro-mundo no capitalismo global (Hazbun, 2008). Algo decisivo para redefinir aquele que seria o papel do turismo na acumulação capitalista e também para readequar a análise da sua estrutura desigual de funcionamento na economia mundial. O que deveria ser analisado conforme o papel que o turismo desempenhou na política interestatal, comércio internacional e discussões relativas ao desenvolvimento na micro e na macro escala.

2.5 Da crítica da economia política do turismo

As produções internacionais que utilizam o termo economia política do turismo estão compostas por temas transversais às disciplinas das CS e CSA. Em síntese, Oakes (1993) analisou o papel do turismo no renascimento étnico e cultural no sudeste da China, Poirier e Wright (1993) os impactos do turismo na Tunísia e Clancy (1998) para análise das cadeias globais de valor (CGV) aplicada ao turismo. Trabalhos que trazem à tona a emergência da EPT refletido depois por autores como Gothan (2002) que analisa as transformações econômicas no marketing do *"Mardi Gras en New"*, em Nova Orleans nos Estados Unidos de América (EUA) e Bandyopadhyay e Nascimento (2010) que examinaram as representações na imagem do Brasil como "destino turístico sexual".

Hazbun (2010) analisou a relação entre consumo e turismo de turistas ocidentais em países árabes no norte da África e no oeste da Ásia. Gardner (2012) analisa o turismo pelas políticas de apropriação de terras e o mercado de propriedades na Tanzânia. Nelson (2012) o turismo internacional atrelado ao direito de propriedade e governança descentralizada na perspectiva de redução de pobreza na Tanzânia. Duff (2013) o processo de neoliberalização da natureza na Tailândia. Hampton e Jayacheca (2015) às relações de poder e propriedade no turismo em ilhas da Indonésia. Wang (2019) a relação entre iniciativas políticas e econômicas na decisão sobre o planejamento do turismo em Luting, Zhejiang na China. Thieme et al. (2020) a relação entre turismo e relações de poder através do turismo mochileiro na Colômbia. E por fim, Naef (2022) a relação entre economia política do turismo e violência na cidade de Medellín também na Colômbia.

Em suma, atestam a vocação terceiro-mundista da produção identificada com a EPT e o marxismo como elemento de análise. Entretanto, trabalhos como de Nunkoo e Smith (2013) sobre a confiança nos atores governamentais e apoio político ao turismo nas "Cataratas do Niágara" em Ontário no Canadá e Senčar (2014) que analisa a comemoração da Primeira Guerra Mundial na região de Bohinj na Eslovênia fogem da tradição periférica orientada pela crítica da dependência e neocolonialismo. Já Blanco-Romero et al. (2018) apresentam respostas desde o marxismo sobre os impactos do turismo no mercado imobiliário em Barcelona na Espanha.

Em conjunto, os trabalhos analisados ajudam a refletir sobre o atual “giro crítico” nos estudos do turismo e um ressurgir da crítica ao turismo internacional (Hiernaux, 2019), mesmo quando existem afastamentos da crítica da dependência e principalmente do marxismo que deram legitimidade acadêmica às críticas do sistema de contradições econômicas do turismo internacional como pensamento crítico. Isso significa que ao caminhar no contrafluxo dos trabalhos pautados por temas cada vez mais amplos e diversos, é que devemos evitar afastar as análises do turismo do conceito de modo de produção e centralidade do trabalho social para reafirmar às contribuições de Marx para crítica da economia política do turismo.

Isso requer enfatizar elementos como a “renda com hospedagem”, os “lucros turístico” e a “relação entre turismo e sistema financeiro” como questões primordiais para crítica do turismo internacional (Yrigoy, 2023). Além de recuperar o arcabouço interdisciplinar para a crítica da estrutura de funcionamento do turismo em escala mundial como princípio para compreensão da totalidade das relações turísticas e conforme temas como a “governança”, “identidade”, “gênero”, “exploração” e “criminalidade” pelo enfoque da luta de classes.

2.6 Turismo, Relações Internacionais e Economia Mundial

A turistificação global é um fenômeno sociológico recente no capitalismo que é interdependente com o poder econômico do setor financeiro (Murray et al. 2019; Yrigoy, 2023). Alinhado está a importância adquirida pelas tecnologias digitais da informação e comunicação (TDICs) após a II Guerra Mundial (1939-1945) que contribuíram para ampliar a circulação global de pessoas conforme inovações nas comunicações e meios transportes que expandiu o turismo para as periferias do capitalismo mundial (Ouriques, 2005).

O turismo é a única indústria que possui um escritório das Nações Unidas (ONU): a Organização Mundial do Turismo (OMT), mas foi ignorada pelo campo da Economia Política (Bianchi, 2018) e segue sendo um tema marginal no campo das RI e o marxismo. O que se contrasta com a realidade de dissolução da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) e ascensão no cenário

internacional de fenômenos políticos e sociais que ultrapassam as chancelarias dos Estados se apresentando como objeto de estudo das RI. Porém o turismo não se apresentou imediatamente como sendo um destes fenômenos de interesse, mesmo quando passou a exercer grande influência nas relações internacionais e vice-versa (Ribas; Da Silva, 2013).

Isso pode ser, alegadamente, explicado pela condição de fenômeno que se manifesta de forma onipresente, familiar e que na maioria das vezes alude a perguntas que neutralizam a reflexão (D'Eramo, 2019). Mas, sobretudo, reflete às dificuldades em serem definidos os parâmetros e alcances reais da indústria do turismo no mundo (Bianchi, 2018). Dificuldades que não impedem de reconhecer a complexidade do fenômeno e o seu vínculo decisivo com às relações internacionais na globalização Neoliberal. O longo afastamento do marxismo das importantes implicações do turismo internacional se traduz na prevalência de esquemas teóricos/conceituais marcados pelo funcionalismo e que invariavelmente recaem nas premissas falaciosas sobre o seu desenvolvimento ao longo da história.

Alinhado com a ascensão de novos Estados na década de 1990, está a formação dos megabloques econômicos e a criação de organizações internacionais voltadas para influenciar e fomentar o desenvolvimento do turismo internacional (Ribas; Da Silva, 2013). Motivo porque o turismo internacional deve ser analisado pelo enfoque sistêmico e materialista – aqui apoiado pelas Teoria dos Sistemas Mundiais (TSM); – para analisar o seu desenvolvimento conforme a sua trajetória específica e variação na civilização capitalista (Wallerstein, 1999). Autores como Samir Amin, André Gunder Frank e Giovanni Arrighi oferecem importante contribuição para a crítica do turismo e ajudam a decifrar como essa atividade econômica e fenômeno se vincula com a relação histórica entre centro e periferia no capitalismo mundial.

Ao analisar a expansão do turismo internacional conforme as dinâmicas globais que circundam as relações de poder dominação na economia mundial através do imperialismo e (neo)colonialismo. Se supõem que o desenvolvimento capitalista incide na dinâmica específica da economia política do turismo, e que por

sua vez, o fenômeno e indústria turística incidem nas estruturas do Capital conforme a (inter)dependência com outros setores da economia mundial. Isso reflete em mudanças que alteram o centro dinâmico da acumulação (Arrighi, 1996) e na influência das periferias que impactam a dinâmica do turismo internacional e o seu funcionamento em escala mundial (Ouriques, 2005).

As grandes transformações no mundo do comércio, mercadorias, comunicações e transportes, respondem a processos definidos pelo sistema total cujas partes são indivisíveis (Hirschfeld et al., 2022). A trajetória específica do turismo reflete às crises no capitalismo e a evolução histórica da dialética do lazer e trabalho, conforme a lógica de apropriação, exploração, acumulação e dominação através do turismo internacional. Significa que a expansão da infraestrutura do turismo internacional nas periferias mundial é inseparável do imperialismo e assimetrias históricas incontornáveis que estão estruturadas conforme a divisão internacional-informacional do trabalho (DIIT) e a expansão da economia digital como fronteira capitalista (Gil; Hirschfeld, 2023).

Emblemático no caso analisado por Porrier e Wright, quando na década de 1980, a Tunísia adotou a estratégia de maximizar às vantagens comparativa no comércio internacional e estabeleceu o “turismo de resort” como forma de melhorar as infraestruturas do país (Porrier e Wright, 1993). Porém o paradoxo está na forma como os destinos turísticos são difundidos na mídia ocidental e marketing turístico, já que no caso dos países árabes a “lente orientalista” define a região como imutáveis e exótica, e o turismo para satisfazer tais percepções e desejos de consumo (Hazbun, 2010).

No caso do Brasil a política estatal de promoção do turismo internacional, operada pela Empresa Brasileira de Turismo (Embratur), contribuiu para difundir a imagem de um país como um destino para o turismo sexual (Bandyopadhyay; Nascimento, 2010). Assim, as representações de pessoas e lugares não ocidentais como exóticos e atemporais estabelece o discurso turístico na linguagem neocolonial da globalização Neoliberal. Algo que na Indonésia se define pelo uso de animais como atrativo, reforçando o exotismo e o apelo estético (Hampton; Jayacheca, 2015).

A dialética do turismo sexual (Do Bem, 2005) reflete a dialética da natureza (Engels, 2020), pois se confundem no imaginário turístico como expressão do gosto fluído que supõem o consumo de lugares e paisagens, junto da existência de corpos aptos para servir e ou serem consumidos por turistas do Norte Global. Significa que o turismo internacional contribui para desarticular as periferias do capitalismo e impor um regime de superexploração do trabalho que se alinha com a inserção marginal de populações como resultado das trocas desiguais no setor (Marini, 2017; Dos Santos, 2020). Existe, portanto, uma linha tênue entre gestão estratégica dos territórios turísticos com às formas que a criminalidade se relaciona com a extorsão de guias turísticos, artistas de rua e pequenos empresários como no caso de Medellín na Colômbia (Naef, 2022).

Casos correlatos abundam na literatura acadêmica e remetem a dinâmicas político-econômicas subjacentes ao turismo que perpetua conflitos duradouros e específicos do desenvolvimento subordinado e dependente. Na Tanzânia as disputas pelo acesso aos mercados e o empoderamento econômico/político de comunidades nativas produz contradições ligadas à dinâmica de poder global, que contrapõem as formas de vida de comunidades com os interesses econômicos e políticos das elites do países e região subsaariana como um todo (NELSON, 2013).

Curioso é que na década de 1960 Franz Fanon em *“Os Condenados da Terra”* (1961) prenunciava o papel do turismo na subordinação às burguesias ocidentais que “se apresentam como turistas enamorados do exotismo, das caçadas, dos cassinos”. Desta forma:

a burguesia nacional organiza centros de repouso e recreação, lugares de divertimento da burguesia ocidental. Essa atividade tomará o nome de turismo e será equiparada a uma indústria nacional. Se deseja uma prova dessa eventual transformação dos elementos da burguesia ex-colonizada em organizadores de *parties* para a burguesia ocidental, vale a pena evocar o que se passou na América Latina” (Fanon, 1961).

Foi na América Latina que a crítica se alinhou na década de 1970 com à crítica da dependência e neocolonialismo (Paiva, 1995; Dias, 2003). O pensamento crítico que garantiu visibilidade a crítica do turismo internacional, que contribuiu para reconhecer o turismo como sendo relevante para compreender a atual acumulação capitalista e inseparável das relações de força, poder e dominação entre países (Yrigoy, 2021). Enfoque que incide no campo das RI conforme quatro características de análise do subsistema mundial do turismo: a “globalidade”, “historicidade”, “totalidade” e “interdisciplinaridade” (Hirschfeld et al., 2023). Conforme se integrou aos processos globais e cuja história particular responde à totalidade das relações do Capital exigindo o enfoque interdisciplinar e materialista como emergência dos estudos turísticos nas RI.

2.7 O Turismo no “ainda longo” século XXI

O turismo permanece sendo um objeto de estudo marginal nas CS. Entretanto, a articulação entre diferentes disciplinas e o pensamento marxista tem sido responsável em alçar à crítica da economia política do turismo à debates vinculados à geopolítica do turismo e o seu impacto no desenvolvimento internacional. As intersecções entre a crítica da economia política e RI estão presentes no trabalho inaugural de Britton (1982) e outros da Sociologia do Turismo, porém existem poucas produções orientadas pelo marxismo que tratam do papel decisivo no turismo em processos de integração regional e relações internacionais.

Uma das poucas vozes que estabelece intersecções entre o turismo, marxismo e RI. É a pesquisadora da Universidad de Habana, Tania Caridad Carrazana Amador. Para Amador (2017): *“el campo de las relaciones internacionales es muy amplio, evidenciándose a través de la Economía Política Internacional, el Derecho Internacional, la Filosofía, la Geopolítica, la Sociología, la Antropología, la Psicología, el Turismo”*. E que para analisar a influência do turismo nas relações internacionais se exige um enfoque sistêmico que definam os elementos que caracterizam o subsistema turístico (Amador, 2017).

Por outro lado, a crítica marxista da dependência de Ruy Mauro Marini, Teotônio dos Santos, Vânia Bambirra e outros(as) permitem localizar que nas relações internacionais, relações comerciais

e relações diplomáticas o simples fenômeno do acesso de pessoas vindas de outros Estados, está para além da lógica de ser um facilitador ou obstáculo para o turismo internacional (Ribas; Da Silva, 2013). Pois aquilo que está em jogo são os fluxos econômicos nos mercados de capitais, os deslocamentos (forçados ou voluntários) da população e como estão atrelados a formação dos blocos econômicos na globalização Neoliberal.

A indústria turística foi decisiva na estratégia, imaginário, sentimento, pertencimento e facilitação do comércio regional (Pieri; Panosso Netto, 2015). Na União Europeia (UE) exerceu papel central em acordos e instituições responsáveis pelos intercâmbios universitários, livre circulação (mercadorias e pessoas), união monetária e descentralização política que convergem na integração europeia. Na América Latina e Caribe o turismo está nos primórdios da (des)integração regional e adoção de uma agenda de arranjos da integração sub-regional centro-americana, caribenha, andina e sul-americana. No contexto africano, a fragmentação e diáspora caracterizam a (des)integração do continente refletida por processos políticos recentes de emancipação política, que ocorre de maneira concomitante à expansão do turismo internacional após 1945.

Para Bueno e Ferreira (2024, p. 150), “é notável o papel do “DNA cultural africano” no modo como a União Africana (UA) (fundada em 2002) tem se apropriado, moldado e reinventado a identidade africana em prol do desenvolvimento do continente”. Isso demarcará um ‘novo espírito’ em favor do estabelecimento de um passaporte único para cidadãos africanos (Bueno; Ferreira, p. 152). A federalização atrelada a proposta de unidade política, é observada na Decisão EX.CL/Dec.908 (XXVIII) do Conselho Executivo de 2016, que reafirma:

o compromisso com a livre circulação de pessoas e bens para que os africanos tenham acesso livre a todos os Estados-membros da UA, como um dos projetos permanentes do Pan-africanismo e da integração africana, e que os seus benefícios incluem a **facilitação do turismo**, investimentos e comércio intra-africano, integração e cooperação entre os povos, a circulação e utilização de competências no continente (p. 153, grifo nosso).

Já a complexidade do turismo na integração continental da Ásia, remete ao papel desempenhado pelos turistas oriundos da China e Índia no turismo contemporâneo. Esta região será decisiva para analisar o papel que exercerá o turismo na economia chinesa e na sua órbita o bloco formado pelos BRICS. Anedótico seria analisar o papel que julgará o turismo internacional no contexto de ascensão pacífica da China na “nova era asiática” (Arrighi, 2008).

É dizer, analisar o turismo contemporâneo conforme a chave: “Marx em Detroit, Adam Smith em Pequim” – para refletir sobre o papel do setor na acumulação de Capital e poder. Isso implica em analisar o turismo pelo “braço de longo alcance” do imperialismo estadunidense e como este se comportará frente à ameaça da hegemonia geopolítica e militar dos EUA. No caso da China refletido pelo braço de curto alcance, que retirou a necessidade de visto para turistas:

“En el Sudeste Asiático las políticas de inmigración han experimentado una notable relajación en los últimos años gracias al establecimiento, por parte de la ASEAN, de una zona exenta de visado para los ciudadanos de países miembros. Esta relajación en los requisitos para obtener un visado en algunos países ha atraído también a un mayor número de turistas procedentes de fuera de la subregión” (XU, s/d).

Mais recentemente, o “braço de largo alcance” retirou a exigência de visto para turistas do Brasil, Argentina, Chile, Peru e Uruguai que viagem por menos inferior a trinta dias para China em 2025. Isso permite estabelecer deduções sobre o fato da Ásia ser o principal mercado turístico do século XXI. O que foi prenunciado por Jing Xu:

“Una vez que el sector en la India empiece a moverse, sin duda arrastrará a todo el subcontinente (...) Asia y el Pacífico, con sus mercados emisores en Japón, Corea del Sur, China y Hong Kong, Singapur, Australia e India, está transformando el turismo in-trarregional y contribuye de manera significativa con el mundo entero”.

Interessa ao marxismo o papel que cumpriu o turismo internacional no “soft power” estadunidense como arma política utilizada

contra países “não-alinhados”. Algo pouco analisado é a emissão de vistos turísticos pela Hungria que permitiu a fuga de inúmeros intelectuais e cientistas da URSS contribuindo para fortalecer a propaganda anticomunista no Ocidente (D'Eramo, 2020). Todavia, o papel periférico o turismo nas relações internacionais, está no embargo econômico à Cuba que desde a Lei Helms-Burton de 1996 restringe turistas estadunidenses de visitarem a “ilha comunista” como instrumento da lei “*Cuban Liberty and Democratic Solidarity (LIBERTAD) Act*”.

Esta medida funciona como um importante entrave para um país peninsular do Caribe como região marcada pela dependência do ingresso de turistas oriundos dos EUA (Netto; Trigo, 2016). O turismo funcionou como instrumento de desestabilização que se refletiu na geopolítica de guerra por outro meios (Hernández, 2021). Em todo caso, uma dimensão do neocolonialismo e neoe-xtrativismo como economia de enclave (Pantojas, 2022) e que no caso de Cuba se vincula ao desafio da planificação socialista e dependência do turismo já que:

como Haití en el siglo XVIII: en el siglo XX, Cuba desafió la lógica del capital transnacional e intentó un desarrollo co-económico alterno y autosustentable. Ambas revoluciones fueron castigadas con la marginación político-económica internacional, frustrando los intentos de cambio radical en ambos casos (Pantojas, 2022, p. 35).

O turismo não se confunde ou reduz à condição de guerra híbrida. Tampouco devemos trivializar a sua contribuição na guerra comercial do capitalismo histórico. O “terrorismo turístico” revela o controverso atentado à hotéis na cidade de Havana de Cuba em 1997 e não deixam dúvidas do comando a partir de Miami na Flórida – EUA. Portanto, não é que:

la supervivencia de un régimen político puede depender del turismo o de su ausencia, la forma que puede asumir la protesta contra un régimen, se convierte al mismo tiempo en el objeto, la apuesta y el blanco de la lucha política, incluida la lucha armada, una actividad política astuta, oculta, pero persistente y, en última instancia, engorrosa (D'Eramo, 2020, p.16).

Em contraposição, o turismo médico é decisivo para o ingresso de Capital em Cuba, revelando *“una verdadera agencia oficial de turismo médico (..) con gran despliegue publicitario”*. Hospitais especializados no atendimento de estrangeiros, principalmente cubanos que vivem em Miami e outras regiões da América Latina (D'Eramo, 2020, p. 80).

O turismo internacional ajuda a refletir sobre a estratégia geopolítica perpetrada pelo parque científico-militar-industrial estadunidense (Mendes, 2024). Já que é um setor atrelado à transferência de tecnologias militares para empresas privadas dos setor aéreo e comunicações. Processo que estabeleceu a dimensão digital como a fronteira mais pujante da economia política internacional (Mendes, 2024) e transformou o setor que é inseparável de plataformas digitais como Airbnb, Booking, TripAdvisor, Instagram, Tik Tok e etc. A economia digital favoreceu o turismo internacional, que cresceu em média 6,5% ao ano entre as décadas de 1950 e 2010. Um salto de 25 milhões de partidas internacionais realizadas em 1950, para os mais de 1 bilhão de viagens realizadas no ano de 2012 e mais de 1,6 bilhões do ano de 2019 (OMT, 2020). Atingiu o seu maior nível global ao participar de 10,83% no PIB mundial e gerou mais de 9,2 trilhões de dólares na produção mundial em 2019 (OMT, 2020).

Na América Latina o turismo cresceu aproximadamente 95% nas duas primeiras décadas do século 21 (Torres et al. 2018) e participou de aproximadamente 10% do PIB regional do subcontinente e mais de 26% do PIB da região dos países insulares do Caribe em 2019 segundo o “Relatório de Impactos Econômicos” do Conselho Mundial de Viagens e Turismo (WTTC) e gerou 17 milhões de postos formais de trabalho no subcontinente e mantinha um total de 7,9% dos empregos formais da região (WTTC, 2020).

Na África o turismo cresceu numa média anual de 6% entre 1995 e 2014, contribuindo com a geração de 21 milhões de postos formais de trabalho entre 2011-2014, que representava 7,1% de todos os postos de trabalho na África (UNCTAD, 2017). Saliencia o *“Informe sobre el desarrollo económico en África, 2017: El turismo para el crecimiento transformador e inclusivo”* que:

(...) también se ha vinculado al turismo con un sector que sufre grandes fugas financieras y que genera tensiones socioculturales y daños ambientales. La historia muestra que los países no pueden depender del turismo como único camino hacia el desarrollo (UNCTAD, 2017).

Na Ásia o crescimento foi de 4,1% ao ano entre 1990 e 2004. A China é a grande responsável pelo incremento nas estatísticas de ingressos de turistas internacionais, que no país saltaram de 10,5 milhões do final da década de 1990 para mais de 53 milhões registrados em 2008 (XU, s/d). Além disso, a recuperação do turismo aos níveis anteriores da Pandemia do Sars-cov 19 segundo o “*Barômetro ONU Turismo*” da OMT de 2024 em aproximadamente 98%, se deve a “*recuperación en curso de los destinos en Asia y el Pacífico. La mayor conectividad aérea y la facilitación de visas también respaldaron los viajes internacionales*” (ONU, 2024).

Estes indicadores refletem o momento que o turismo internacional produziu aproximadamente 319 milhões de novos postos de trabalho formais no mundo em 2019. Isso representava 10,6% do total dos empregos e significava que de cada 4 empregos existentes no mundo 1 estava no setor e indústria do turismo (WTTC, 2020). Entretanto, não é apenas a dimensão econômica que revela o significado do turismo, mas as implicações imediatamente políticas na realidade (D'Eramo, 2020).

As intersecções entre o subcampo da EPT com as RI se apresentam como importante ferramenta de análise sobre os imaginários turísticos e luta de classes contemporânea. As contradições do desenvolvimento do turismo internacional podem também renovar e legitimar os novos desafios da crítica ao turismo no contexto de domínio de empresas que controlam as plataformas digitais. E aprofundar nas análises da dependência e neocolonialismo operado pelo turismo nos países do Sul Global é um dos principais desafios para o campo das RI no ainda longo século XXI.

3 Considerações finais

O interesse recente pela integração de perspectivas marxistas com as análises das Relações Internacionais (RI) revelam o objeto de estudo do turismo internacional um catalisador de diferentes perspectivas de análise da realidade do modo de produção e exploração capitalista. O subcampo da Economia Política do Turismo (EPT) cumpre um papel medular na renovação das teorias marxistas frente ao papel do turismo internacional na dinâmica geopolítica e econômica mundial do século XXI.

O turismo internacional é indissociável da economia política digital internacional e poder econômico do setor financeiro no Neoliberalismo. Revela desigualdades estruturais que foram rapidamente criticadas pela crítica “terceiro-mundista” da crítica da dependência, imperialismo e neocolonialismo. Ao se associar às crises sistêmicas o turismo internacional reforça a necessidade de articular às teorias marxista com análises dos processos globais do capitalismo mundial conforme as implicações do turismo nas RI e vice-versa. Os desafios atuais são o de superar o descrédito desmerecido que os estudos do turismo sofrem no marxismo e materialismo histórico. Mas, principalmente, romper com a condição marginal da EPT para estabelecer a crítica da economia política do turismo internacional no horizonte das RI.

As enormes lacunas sobre o papel que julgará o turismo internacional nas próximas décadas deve sinalizar este caminho e reafirmar a crítica do turismo conforme está vinculado a processos ligados à geopolítica internacional, política interestatal e (re)organização dos blocos econômicos como o Mercosul, Nafta, União Europeia, União Africana de Nações, Unasul, BRICS e etc. O turismo ronda o pensamento crítico nos países do Sul Global. Se não cabe prever o futuro, cabe identificar como o desenvolvimento do turismo está impactando a crítica da economia política e o marxismo, para estabelecer definitivamente qual é o papel da indústria do turismo dentro do pensamento crítico frente a reorganização do capitalismo mundial.

A intersecção entre RI ajuda a fortalecer a crítica da economia política do turismo conforme a sua “vocalização tricontinental” do marxismo e problematizar o significado do turismo internacional

conforme as mudanças nas relações de produção, dominação e exploração no marco da economia digital do século XXI. E refletir sobre os três pontos de inflexão teórica: a “ideologia turística”, a “concentração fundiária e renda” e “exploração da força de trabalho” no turismo; como questões centrais para crítica da economia política do turismo internacional no século XXI.

REFERÊNCIAS

AMADOR, Tania Caridad Carrazana. Las relaciones internacionales y el turismo. **Economía y desarrollo**, v. 158, n. 1, p. 211-224, 2017.

AMIN, Samir. A vocação terceiro-mundista do marxismo. In: HOBBSBAWM, Eric. et al. **História do marxismo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

BANDYOPADHYAY, Ranjan; NASCIMENTO, Kleber. “Where fantasy becomes reality”: how tourism forces made Brazil a sexual playground. **Journal of Sustainable Tourism**, v. 18, n. 8, p. 933-949, 2010.

BIANCHI, Raoul V. Tourism, capitalism and Marxist political economy. In: MOSEDALE, Jan (Ed.). **Political Economy of Tourism**. London: Routledge, 2010. p. 17-37.

BIANCHI, Raoul V. The political economy of tourism development: A critical review. **Annals of Tourism Research**, v. 70, p. 88-102, 2018.

BOISSEVAIN, Jeremy. The impact of tourism on a dependent island: Gozo, Malta. **Annals of tourism research**, v. 6, n. 1, p. 76-90, 1979.

BLANCO-ROMERO, Asunción; BLÁZQUEZ-SALOM, Macià; CÀNOVES, Gemma. Barcelona, housing rent bubble in a tourist city. Social responses and local policies. **Sustainability**, v. 10, n. 6, p. 2043, 2018.

BRITTON, Stephen G. The political economy of tourism in the Third World. **Annals of Tourism Research**, v. 9, n. 3, p. 331-358, 1982.

BUENO, Lúcia de Toledo França; FERREIRA, Marrielle Maia Alves. Políticas da União Africana para engajamento da diáspora africana enquanto sexta região: identidade africana, cultura, cidadania e novos regionalismos. In: BARBOZA, Edson Holanda Lima; PAIVA, Geórgia Maria Feitosa e; COSTA, Jaqueline da Silva (orgs.). **Ensaios interdisciplinares em humanidades**. Fortaleza: EdUECE, 2024. v. 7, p. 147-166. Disponível em: <https://mih.unilab.edu.br/wp-content/uploads/2024/06/Ensaios-interdisciplinares-em-humanidades-1_240605_104807.pdf>. Acesso em: 1 jun. 2025.

BURNS, Peter. Tourism in Russia: background and structure. **Tourism Management**, v. 19, n. 6, p. 555-565, 1998.

CLANCY, Michael. Commodity chains, services and development: theory and preliminary evidence from the tourism industry. **Review of International Political Economy**, v. 5, n. 1, p. 122-148, 1998.

D'ERAMO, Marco. **El selfie del mundo**: Una investigación sobre la era del turismo. Barcelona: Anagrama, 2020.

DE KADT, Emanuel. Tourism: Passport to Development. **Perspectives on the social and cultural effects of tourism in developing countries**. New York, NY: Oxford University Press, 1979.

DE SIQUEIRA GIL, Gabriel. Maurício Tragtenberg: o “marxista anarquizante” frente a Era Digital. **Revista Eletrônica Internacional de Economia Política da Informação da Comunicação e da Cultura**, v. 26, n. 1, p. 138-151, 2024.

DIAS, Reinaldo. **Sociologia do turismo**. Editora Atlas SA, 2002.

DO BEM, Arim Soares. **Dialética do turismo sexual**. Papirus Editora, 2005.

DOS SANTOS, Theotonio. **Teoria da dependência**: balanço e perspectivas. Insular Livros, 2020.

DUFFY, Rosaleen. The international political economy of tourism and the neoliberalisation of nature: Challenges posed by selling close interactions with animals. **Review of International Political Economy**, v. 20, n. 3, p. 605-626, 2013.

ENGELS, Friedrich. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra**. Boitempo Editorial, 2008.

ENGELS, Friedrich. **Del socialismo utópico al socialismo científico**. xhglc Publicaciones Editoriales, 1880.

ENGELS, Friedrich. **Dialética da natureza**. Boitempo Editorial, 2020.

GARDNER, Benjamin. Tourism and the politics of the global land grab in Tanzania: markets, appropriation and recognition. **Journal of Peasant Studies**, v. 39, n. 2, p. 377-402, 2012.

GOTHAM, Kevin Fox. Marketing Mardi Gras: Commodification, spectacle and the political economy of tourism in New Orleans. **Urban Studies**, v. 39, n. 10, p. 1735-1756, 2002.

HAMPTON, Mark P.; JEYACHEYA, Julia. Power, ownership and tourism in small islands: Evidence from Indonesia. **World Development**, v. 70, p. 481-495, 2015.

HAZBUN, Waleed. Revising itineraries of tourism and tourism studies in the Middle East and North Africa. **Journal of Tourism and Cultural Change**, v. 8, n. 4, p. 225-239, 2010.

LANFANT, Marie-Françoise. Introduction: tourism in the process of internationalization. **International Social Science Journal**, v. 32, n. 1, 1980.

LEW, Alan A. Tourism planning and place making: place-making or placemaking?. In: **Tourism Planning and Development**. London: Routledge, 2019. p. 142-160.

MARINI, Ruy Mauro. Dialética da dependência. **Germinal: marxismo e educação em debate**, Salvador, v. 9, n. 3, p. 325-356, 2017.

MARX, Karl. **Grundrisse**: manuscritos econômicos de 1857-1858. Esboços da crítica da economia política. Boitempo editorial, 2015.

MARX, Karl. **O capital-crítica da economia política**, v. 2. Processo de produção do capital. 1984.

MENDES, Mateus. A Economia Política Internacional Digital. **Revista brasileira pela integração dos povos (Rebrip)**. Documentos n. 10, mai. 2024.

MOSEDALE, Jan (Ed.). **Neoliberalism and the political economy of tourism**. London: Routledge, 2016.

MURRAY, Ivan et al. (Ed.). **Turistificación global**: Perspectivas críticas en turismo. Barcelona: Icaria, 2019.

NAEF, Patrick. The criminal governance of tourism: Extortion and intimacy in Medellin. **Journal of Latin American Studies**, v. 55, n. 2, p. 323-348, 2023.

NELSON, Fred. Blessing or curse? The political economy of tourism development in Tanzania. **Journal of Sustainable Tourism**, v. 20, n. 3, p. 359-375, 2012.

NUNKOO, Robin; SMITH, Stephen L. J. Political economy of tourism: Trust in government actors, political support, and their determinants. **Tourism Management**, v. 36, p. 120-132, 2013.

OAKES, Tim S. The cultural space of modernity: ethnic tourism and place identity in China. Environment and Planning D: **Society and Space**, v. 11, n. 1, p. 47-66, 1993. OURIQUES, Helton Ricardo. **A produção do turismo: fetichismo e dependência**. Campinas: Alinea, 2005.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO (OMT). **Covid-19 y sector turístico**. 2020. Disponível em: <<https://www.unwto.org/es/covid-19-y-sector-turistico-2020>>. Acesso em: 22 nov. 2023.

OMT. **Barómetro del Turismo Mundial**. Madrid: OMT, 2024. Disponível em: <<https://www.unwto.org/es/barometro-del-turismo-mundial-de-onu-turismo>>. Acesso em: 1 jun. 2025.

PIERI, Vitor Stuart Gabriel; NETTO, Alexandre Panosso. **Turismo internvacional: fluxos, destinos e integração regional**. EdUFRR, 2015.

POIRIER, Robert A.; WRIGHT, Stephen. The political economy of tourism in Tunisia. **The Journal of Modern African Studies**, v. 31, n. 1, p. 149-162, 1993.

RIBAS, Marlon Dornelles; DA SILVA, A. Turismo e relações internacionais: uma breve abordagem de teoria e história. **Anais... IV Encontro Semintur Júnior**. Universidade de Caxias do Sul, 2013.

SENČAR, Tina B. From the hinterland: Commemorating the centenary of World War I in Bohinj. Folklore: **Electronic Journal of Folklore**, n. 73, p. 47-66, 2018.

THIEME, John; HAMPTON, Mark P.; STOIAN, Carmen; ZIGAN, Kathrin. The political economy of backpacker tourism: explorations of tourism actors' embeddedness in Colombia. **Current Issues in Tourism**, v. 24, n. 13, p. 1830-1855, 2021.

TORRES, Laura María del Rosario et al. **Turismo de lujo y extractivismo: la ruralidad como presa del capital**. Reflexiones a propósito del Valle de Uco (Mendoza, Argentina). 2018.

UNCTAD. **The Covid-19 Shock to Developing Countries**: Towards a 'whatever it takes' programme for the two-thirds of the world's population being left behind. 2020. Disponível em: <https://unctad.org/system/files/official-document/tdb64d2_es.pdf>. Acesso em: 2 junho de 2025.

XU, Jing. **El desarrollo del turismo en Asia**. In: OBSERTUR. [S.l.]: Turismo y Cooperación, [s.d.]. Disponível em: <<https://www.turismoycooperacion.org/OBSERTUR/B/08.pdf>>. Acesso em: 01 de junho de 2025.

WALLERSTEIN, Immanuel. A reestruturação capitalista e o sistema-mundo. In: **Globalização excludente**. Petrópolis: Vozes, 1999.

WANG, Yi; MAN, Thomas W. Y. Political economy of tourism development in rural China: case of luting township, Zhejiang. **Tourism Planning & Development**, v. 16, n. 6, p. 657-674, 2019.

YRIGOY, Ismael. Strengthening the political economy of tourism: Profits, rents and finance. **Tourism Geographies**, v. 25, n. 2-3, p. 405-424, 2023.

Agradeço ao meu orientador, Prof. Dr. Demétrio Gaspari Cirne de Toledo, e a minha supervisora no exterior, Prof. Dra. Nora Bringas Rábado, pela orientação e apoio inestimável para a concretização deste trabalho. Também a Coordenação de Aperfeiçoamento de Nível Superior (CAPES), por meio da bolsa de Doutorado Sanduíche no Exterior (PDSE) [processo nº 88881.934101/2024-01], que financiou meu estágio no Colégio de La Frontera Norte “El Colef”, da Fundação Universidade Federal do ABC (Fundação UFABC) pela bolsa de Doutorado [Bolsa UFABC].